

de SOL a SOL

Enfim, a vida é assim!

Tôdas as agências telegráficas transmitiram a notícia, todos os jornais informativos a publicaram na 1.ª página, donde concluímos que nenhum dos nossos leitores a desconhece. E' realmente novidade dizermos que uma certa princesa da Holanda «deu à luz» uma criança? Não é, bem o sabemos. Sabemos até que um qualquer menino de oito anos diria sem a mínima hesitação de memória as manifestações de

entusiasmo louco a que o indígena do país dos canais, das vacas e dos moinhos se entregou por êsse motivo, pelos vistos momentoso. Os canhões troaram, a alegria revolveu os ares, poetas versaram. Cortejos saíram para a rua de pendão à frente e charanga no couce. No topo de mastros, no peltoril de janelas, possivelmente nos telhados fraldejaram bandeiras. Repicaram os sinos. Organizaram-se bailes, queimaram-se foguetes, leram-se proclamações, através do rádio cantou-se, houve feriado

nacional. E os peitos estalaram de gozo. Tudo isto, e muito mais, se passou lá para o norte, na verde Holanda, aqui há dias. E o passo lembrou-nos, não sabemos porquê, uma mulher nossa vizinha que, após ter um filho, não encontrou em casa em que o embrulhar. Trinta, cem pessoas souberam a situação da miséria. Tôdas lamentavam—«é uma desgraça. Coitada!» E disso não saíram. Valeu-lhe um pobre como ela. Terminamos:—Quantas crianças na Holanda terão nascido assim, numa supremia miséria, perante o silêncio e a indiferença dessas mesmas pessoas que agora vibraram tão intensa, tão desmarcadamente?

aviões, metralhadoras, hospitais, auto-macas, uma fúria louca, uma guerra doida. As suas canetas, armas figuradas, mas invencíveis e terríveis, naquela pugna horrenda triunfaram numa vitória incontestável. Comercialesca adaptação de humanos horrores!

Queixas dum estudante

Na «Gazeta de Coimbra», o estudante Salvador Dias Arnaut publica um artigo que nos merece um vivíssimo aplauso, pelo desassombro de que dá mostras o autor e a compreensão tão perfeita dum problema grave que às gerações intelectuais urge prontamente resolver. Foi de Lisboa a Coimbra o sr. dr. Vieira de Almeida, professor de filosofia e director da Faculdade de Letras da capital, realizar na «lírica cidade do Mondego» uma conferência intitulada *Pensamento e atitude crítica*. Diz o jovem estudante: «Troça? Abuso? Bambochata? Talvez as três coisas ao mesmo tempo. Custa a acreditar que um homem com as responsabilidades do conferente tivesse a coragem de vir apresentar a estudantes duma Universidade a série de quadrinhos que apresentou. Na sua conferência não houve ordenação e o raciocínio roçou sempre pela banalidade. Qualquer pobre manual de filosofia diz sobre os pontos tocados mais e melhor, quer dizer: nem para estudantes liceais a conferência era aceitável. Banalidades sobre «síntese», sobre «análise», sobre «entusiasmo» e sei lá sobre quantos pontos mais. Uma refeição vulgaríssima sem esmeros de cozinha, servida entre pilhérias».

Mas isto é um caso particular e deixamos a verdade destas palavras ao seu autor. Porém, onde testemunhamos vivamente, sem qualquer restrição, o depoimento feliz do estudante conimbricense, é quando ao principiar o seu artigo êle pergunta: «onde estão os mestres?» para comentar com um azedume triste a indiferença daquêles que, vivendo na sua cátedra-zinha, se esquecem da vida actuante e nervosa cá de fora; daquêles que se preocupam apenas em «atulhar o cérebro dos alunos de saber, desprezando a formação cultural dos mesmos»; daquêles que esquecem ser a cultura uma compreensão de proble-

(Continua na página dezasseis)

a m ã o

UMA BIOGRAFIA

6.ª PARTE:

«The hand that signed the paper felled a city.»

Dyllan Thomas.

Esta mão agora inerte
assinou um tratado.

Colheu
vermes,

pântanos,
uma vez

homens,

searas;
abençoou

orfãos

matando

as mãis.

Esta mão agora inerte —
cinco soberanos
de cinco raças,
cinco maldições
de cinco raças,
é exposta
à luz de velas funerárias.

À luz de velas funerárias
veja-vos,
meus irmãos,
meus irmãos em Cristo,
ajoelhar,
e beijar,
esta mão agora inerte!

Les affaires...

sont des affaires

Aproveitemos tudo quanto possamos, descendentes que somos de antigos mercadores, tudo o que sirva aos nossos negócios, ao comércio que nos dá o santo pão da boca. E' preciso viver, é necessário nutrir êste corpo magro e, seja à custa dos nossos serviços sociais, das nossas explorações ou de habilidosas astúcias, que não nos falte à mesa o vinho do senhor e, junto à lareira, o calor que nos conforta e alivia das agruras tristes do malvado inverno. Como sabeis, anda pelos mundos fora uma onda louca, um turbilhão de desvalro: é a guerra brava, a medonha batalha duns tristes seres contra outros tristes, que não têm senha e não têm quartel. Ela insinua-se primeiro nos nossos corações e apaga a primitiva ternura dos impulsos e afectos mais lindos e serenos. Exalta-nos o cérebro, irrita-o, dá-lhe a tensão perigosa dum estado de predisposição para a violência, anula o raciocínio que fora glória da nossa humanidade e subverte os conceitos, as morais e as super-estruturas. Os agressores queixam-se lamuriosamente como agredidos, e há na sua lamúria talvez a consciência duma queixa sincera... Quem poderá fugir ao domínio destas temerosas vagas que tudo assolam no seu rolar bravo? Os comerciantes poderão fugir a isso? Não, não podem!

Imaginal a risonha brincadeira dum comerciante de canetas. E' assim: Um campo de batalha, canhões, tanks,